

O Cristo da Fé

Atualização e continuidade na Cristologia neotestamentária

PROF. DR. FÉLIX ALEXANDRE PASTOR (PUG - ROMA)

THE CHRIST OF FAITH.

Actualization and continuity in the Christology of the N. T.

This study intends to characterize Christology in its different N. T. facets — primitive community and synoptics, pauline and pospauline perspective, christology of St. John and apocalypse — regarding its diversity and unity. For this purpose, the most significant data about N. T. literature are presented referring to the personality and significance of Jesus, in the light of the statements through which the faith of the ecclesiastic community is expressed.

The study of the person of Jesus in the N. T. is based on the meeting with Christ, present in the faith of the community, as the Lord and Savior. This study meets with various languages, terminologies and stresses, but one single basic christology, the intention of which consists in maintaining the continuity with the historic Jesus and proclaiming the saving importance of his way in humiliation and exaltation, performing his singular eschatological significance and his ontological transcendency. The person of Jesus, as the Christ of faith, makes present, at each moment, the saving past and anticipates proleptically the future, renewing constantly the history of salvation.

Pretender estudar a figura de Jesus nos escritos neotestamentários supõe encontrar a imagem do Cristo presente na fé da comunidade. Com efeito, a Cristologia neotestamentária coordena harmoniosamente continuidade histórica e atualização salvífica. O Jesus que apareceu na história era o Cristo que devia vir e o Rei escatológico que deverá voltar. Daqui deriva a particular densidade das afirmações cristoló-

gicas neotestamentárias, que simultaneamente, por atualizar salvificamente o passado e por antecipar prolepticamente o futuro, recapitulam em cada momento a história toda da salvação. O presente estudo deseja verificar a validade das precedentes afirmações na confrontação com os diversos grupos de escritos neotestamentários: Os Sinópticos e a Comunidade primitiva, Paulo e seus epígonos, João e o Apocalipse.

O escopo de tal confrontação é a caracterização temática das diversas perspectivas teológicas neotestamentárias, na sua diversidade literária e na sua unidade latente, na particular combinação de atualização e continuidade, em ordem a explicitar a singular relevância escatológica do Cristo da fé, segundo o pluriforme testemunho dos escritos do Novo Testamento. A tal fim, serão discutidos os dados mais significativos da literatura neotestamentária referentes à figura e à significação soteriológica do Cristo, à luz das afirmações cristológicas em que se exprimem a fé e as convicções religiosas da comunidade primitiva. Particular atenção será dada ao **background** religioso da época, na medida em que o mundo helênico e judaico podem esclarecer-nos o significado antitético da simbologia cristológica neotestamentária (1).

I. OS SINÓPTICOS E A COMUNIDADE PRIMITIVA

1. Atualização e continuidade

a) A perspectiva sinóptica

Os Sinópticos têm, fundamentalmente, uma intenção proclamatória sobre Jesus Cris-

to, não uma preocupação biográfica. A intenção kerygmática dos Sinópticos deriva da convicção da particular significação salvífica da humilhação e exaltação de Jesus e da singular relevância escatológica de Cristo no momento da consumação da história. Tal convicção, por outra parte, é comum a todos os escritos neotestamentários. Nos Sinópticos, porém, a preocupação kerygmática invade a narração histórica, lembrando constantemente que o Jesus da história é o Cristo ressuscitado dos mortos e o evangelho de sua vida é a epifania do Filho de Deus no mundo: "E ouviu-se dos céus uma voz: "Tu és o meu Filho muito amado, em ti ponho minha afeição" (Mc 1, 11; Mt 3, 17; Lc 3, 22). A epifania batismal revela o mistério de Jesus como a fé da comunidade exprimirá sua significação: "Então, perguntou-lhes Jesus: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondeu Pedro: Tu és o Cristo" (Mc 8, 29; Mt 16, 16; Lc 9, 20; cf. Jo 6, 69). A relevância escatológica da pessoa de Jesus motiva a importância de sua mensagem e o valor de suas palavras: "Da nuvem veio uma voz: Este é o meu Filho muito amado, ouvi-o" (Mc 9, 7; Mt 17, 5; Lc 9, 35; cf. Jo 12, 28). Jesus mesmo

(1) A. E. J. RAWLISON, *The New Testament Doctrine of the Christ* (London-New York 1926); R. BULTMANN, *Die Christologie des Neuen Testaments*, in: *Glauben und Verstehen I* (Tübingen 1933) 245-267; G. SEVENSTER, *De Christologie van het Nieuwe Testament* (Amsterdam 1948); V. TAYLOR, *The Person of Christ in New Testament Teaching* (London 1958); E. SCHWEITZER, *Erniedrigung und Erhöhung bei Jesus und seinen*

Nachfolgern (Zürich 1962); O. CULLMANN, *Christologie du Nouveau Testament* (Neuchâtel-Paris 1958); L. SABOURIN, *Les noms et les titres de Jésus* (Bruges-Paris 1963); F. HAHN, *Christologische Hoheltstitel. Ihre Geschichte im frühen Christentum* (Göttingen 1965); F. H. DERK, *Names and Titles of Jesus* (Minneapolis 1969); K. BERGER, *Zur traditionsgeschichtlichen Hintergrund christologischer Hoheltstitel: NTS 17* (1970/71) 391-425.

confirmará o significado de sua missão: "O sumo sacerdote tornou a perguntar-lhe: És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito? Jesus respondeu: Eu o sou. E vereis o Filho do homem sentado à direita do poder de Deus, vindo sobre as nuvens do céu" (Mc 14, 61s; Mt 26, 63s; Lc 22, 67-70). A fé da comunidade eclesial na significação salvífica de Jesus é provocada pelo paradoxo trágico da cruz como impotência e escândalo: "Salvou a outros e a si mesmo não pode salvar! Que o Cristo, rei de Israel, desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!" (Mc 15, 31s; Mt 27, 42s; Lc 23, 35). Os Sinópticos deverão, pois, frisar a correspondência salutar entre a missão de Jesus e a sua morte e entre a paixão do Salvador e a sua ressurreição. A tal fim, as narrações evangélicas vão enquadradas entre as do nascimento e infância do Messias e as das cristofanias do crucificado (cf. Mt 1-2 e 28; Lc 1-2 e 24; Mc 1, 1 e 16) (2).

b) Atualização salvífica

Os acontecimentos, pois, da vida histórica de Jesus, são considerados à luz da especial conotação salvífica da missão do Cristo e do seu caminho de humilhação e exaltação. O Filho do homem perseguido será instaurado em potestade plena e dará o mandamento da evangelização do mundo (Mt 28, 18). Os mais simples momen-

tos da vida de Jesus aparecem transfigurados pela relevância salvífica de sua missão, em cumprimento da promessa divina da redenção messiânica, pelo paradoxo da humilhação: "E começou a ensinar-lhes: É necessário que o Filho do homem padeça muito, seja rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, e seja morto; mas, ressuscitará depois de três dias" (Mc 8, 31; cf. 9, 31; 10, 33s; Mt 16, 21; 17, 22s; 20, 18s; Lc 9, 22; 9,44; 18, 32s). O sentido da vida de Jesus é precisamente a redenção do mundo: "Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos" (Mc 10, 45; Mt 20, 28). A sua vida se entrega dando o próprio sangue: "Este é o meu sangue, o sangue da aliança, que será derramado por muitos" (Mc 14, 24; Mt 26, 28; Lc 22, 20). A lei e a profecia davam testemunho desta salvação paradoxal pela cruz: "E eis que falavam com ele dois homens, eram Moisés e Elias, que apareceram envoltos em glória, e falavam da morte dele, que se havia de cumprir em Jerusalém" (Lc 9, 30s). Morte, que Jesus aceitava positivamente: "Devo ser batizado num batismo; quanto anseio até que ele se cumpra!" (Lc 12, 50; cf. Mc 10, 38). Não só a morte, mas a vida toda e o ministério de Jesus tinham uma profunda dimensão restauradora do bem; destruindo o mal instaurado no

(2) Cf. R. LAURENTIN, *Structure et théologie de Luc I-II* (Paris 1957); K. STENDAHL, *Quis et unde? An Analysis of Mt 1-2*, in: *Judentum, Urchristentum, Kirche* (Festschr. J.

Jeremias, 1964) 94-105; R. PESCH, *Der Gottessohn in matthäischen Evangeliumsprolog: Biblica* 48 (1967) 395-420.

mundo, sob a forma de oposição satânica, de doença, de ignorância e de malícia. Jesus, como exorcista e como taumaturgo, como mestre e como polemista, luta contra Satã (Mc 1, 24; Lc 4, 34). Jesus é o reino que chega em potência e é o forte que vence: "Se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então, chegou para vós o reino de Deus. Como pode alguém penetrar na casa de um homem forte e roubar seus bens, sem ter primeiro amarrado este homem forte?" (Mt 12, 28s; cf. Mc 3, 27; Lc 11, 21s). Com o advento de Jesus, o reino do mal chega a seu fim (Lc 10, 18; cf. Jo 12, 31) (3).

c) Continuidade histórica

Se a intenção fundamental dos Sinópticos é kerygmática, isto não significa uma ruptura com a história, mesmo quando a particular atmosfera de fé nem sempre nos permita reconstruir os fatos acontecidos, na sua relevância ou na sua banalidade, a partir dos dados que possuímos. Tal restrição, porém, não deve ser considerada como legitimadora do ceticismo crítico. Outros dados reais não devem ser esquecidos, como a consistência da imagem de Jesus, presente nos escritos sinópticos, fundamentalmente concordante com o resto do Novo Testamento, mesmo nas diferenças redacionais ou na diversidade das

perspectivas teológicas particulares. O acento marquiano sobre o "segredo messiânico" e sobre a paradoxal epifania do Filho de Deus não significa uma interpretação antitética do caminho de Jesus, da de Mateus ou Lucas, com a sua ênfase respectiva sobre a messianidade de Jesus e sobre a misericórdia do Salvador. Como também as narrações mateana ou lucana do nascimento virginal de Jesus não devem ser consideradas como contrastantes entre si ou como divergentes das restantes posições neotestamentárias. Certamente, a imagem neotestamentária do Cristo é uma realidade, os dados cristológicos propõem aspectos diversos do mistério de Jesus e de sua relevância escatológica, mas não imagens diversas e antitéticas da mesma figura. O Novo Testamento é um pluriforme testemunho do mesmo e do único Jesus Cristo (4).

Mesmo na sua transfiguração pela presença do Reino de Deus, particularmente em Jesus e na sua ressurreição, a história não está ausente das narrações evangélicas. A continuidade histórica é particularmente manifesta na configuração de Jesus como existente no espaço e no tempo, sentindo necessidade e depressão: "No outro dia, ao saírem de Betânia, Jesus teve fome" (Mc 11, 12; cf. Mt 21, 18). Os evangelistas narram histórias em que aparecem os aspectos mais

(3) H. CONZELMANN, *Gegenwart und Zukunft in der synoptischen Tradition*: ZThK 54 (1957) 227-296.

(4) E. SCHWEIZER, *Jesus Christus im vielfältigen Zeugnis des Neuen Testaments* (München und Hamburg 1968).

elementares da existência humana de Jesus, como alimentar-se (Mc 2, 15; Mt 9, 10; Lc 5, 28), ter medo e angústia (Mc 14, 33; Mt 26, 37; Lc 22, 44; cf. Jo 12, 27), sentir o mais profundo abatimento (Mc 15, 34; Mt 27, 46). A intenção dos evangelistas é proclamar a salvação de Deus que nos encontra em Jesus, semelhante a nós e vítima por nós (cf. Hebr 2, 17; Gal 3, 13). Nele chega a nós o Reino anunciado pelos profetas, superando o domínio do mal. Como taumaturgo e exorcista, Jesus significa o fim do reino adverso a Deus (Mc 1, 24; Lc 4, 34), a instauração e proclamação da salvação divina: "Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas suas Sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todas as doenças e enfermidades entre o povo" (Mt 4, 23; cf. Mc 1, 39; Lc 4, 44). O interesse, porém, em salientar a dimensão salvífica e a relevância messiânica da atividade de Jesus, em modo algum impede a conexão e a continuidade com a historicidade real do acontecimento (5).

2. Relevância escatológica

a) O "Filho do homem"

O título cristológico de "Filho do homem" merece uma atenção primordial, pelo fato de ser não só o mais freqüente na literatura sinótica, como também o mais usado pelo mes-

mo Jesus, exprimindo de tal modo a consciência da relevância escatológica de sua própria missão. Nos sinóticos, a linguagem cristológica sobre o Filho do homem aparece em três contextos bem precisos: Primeiramente, em relação com o caminho de humilhação de Jesus, particularmente na hora da paixão e da morte: "E ensinava aos seus discípulos: O Filho do homem será entregue às mãos dos homens, e matá-lo-ão" (Mc 9, 31a; cf. Mt 17, 22-23a; Lc 9, 44); e, em geral, em referência à vida de Jesus simples e humilde: "Respondeu Jesus: As raposas têm suas tocas, e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mt 8, 20; Lc 9, 58); ou então: "O Filho do homem vem, come e bebe, e dizem: É um comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos devassos" (Mt 11, 19; Lc 7, 34). Em segundo lugar, o tema do Filho do homem aparece vinculado ao da futura exaltação do humilhado, justamente na ressurreição e glorificação: "E ressuscitará (o Filho do homem) três dias depois de sua morte" (Mc 9, 31b; Mt 17, 23b). Finalmente, os pronunciamentos sobre o Filho do homem fazem referência à relevância escatológica do humilhado e exaltado, na hora do juízo definitivo: "Porque, se nesta geração adúltera e pecadora alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, tam-

(5) W. KRECK, *Die Zukunft des Gekommenen. Grundprobleme der Eschatologie* (München 1961); H. W. BARTSCH,

Theologie und Geschichte in der Überlieferung vom Leben Jesu: EvT 32 (1972) 126-143.

bém o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os seus santos anjos" (Mc 8, 38; Mt 16, 27; Lc 9, 26); e também: "Então verá o Filho do homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória" (Mc 13, 26; Mt 24, 30s; Lc 21, 27). Em Jesus, pois, a comunidade eclesial encontra o Messias prometido, no paradoxo trágico da cruz, na proclamação luminosa da ressurreição, na antecipação proléptica do juízo escatológico (6).

b) "O servo do Senhor"

O caminho de Jesus não só é o de um messianismo escondido, no qual a glória e a vitória estão veladas sob o paradoxo da humilhação, mas também é uma via de intercessão, de mediação, de representação, de solidariedade, na intenção salvífica da divina providência. Por isso, a comunidade primitiva compreendeu Jesus também sob o paradigma isaiano do "servo do Senhor": "Eis meu Servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que

leve às nações o direito. Ele não grita, jamais eleva a voz, não clama nas ruas. Não quebrará o caniço envergado, não extinguirá a mecha que ainda fuma. Anunciará com fidelidade o direito; não desanimará, nem desfalecerá, até que tenha estabelecido o direito sobre a terra, e até que as ilhas desejem seus ensinamentos" (Is 42, 1-4). As mais antigas tradições acenam à relevância de Jesus e à predileção divina: "Tu és o meu Filho muito amado, em ti ponho minha afeição" (Mc 1, 11; Mt 3, 17; Lc 3, 22; cf. Jo 1, 34). Muito mais significativas para a fé da comunidade eclesial foram ainda as passagens do cântico isaiano sobre a relevância expiatória da humilhação do Servo do Senhor: "Foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva passou sobre ele, fomos curados graças a seus padecimentos" (Is 53, 5). O valor justificativo do sacrifício é também fortemente salientado: "O Justo, meu Servo, justificará a muitos homens, e tomará sobre si suas iniquidades" (Is 53, 11b). Estas e outras proclamações isaianas sobre o Servo, inspiraram a releitura fiel dos

(6) Para o background histórico-religioso deve pensar-se no A. T. (Dan 7, 13. 27; Sal 8, 5; Ez passim) e na apocalíptica (Aeth. Henoch 37-71; para o tema da preexistência, cf. *ibid.* 48, 3. 6; 62, 7). Nos Sinópticos, é já impensável uma noção coletiva de "Filho do homem" (cf. Mc 9, 9; Mt 25, 31). R. OTTO, *Reich Gottes und Menschensohn. Ein religionsgeschichtlicher Versuch* (1934); E. SJÖBERG, *Der verborgene Menschensohn in den Evangelien* (Lund 1955); E. SCHWEIZER, *Der Menschensohn*: ZNW 50 (1959) 185-209; H. E. TÖDT, *Der Menschensohn in der synoptischen Überlieferung* (Gütersloh 1963); Ph. VIELHAUER, *Gottesreich und Men-*

schensohn in der Verkündigung Jesu, in: *Aufsätze zum NT* (München 1965) 55-91, *cof.* 92-140; A. FEUILLET, *Le triomphe du Fils de l'Homme d'après la déclaration du Christ aux sanhédrins*, in: *La Venue du Messie* (Louvain 1962) 149-171; E. SCHWEIZER, *The Son of Man Again*: NTS 9 (1963) 256-261; G. HAUFÉ, *Das Menschensohn-Problem in der gegenwärtigen wissenschaftlichen Diskussion*: EvT 26 (1966) 130ss; O. MICHEL, *Der Menschensohn. Die eschatologische Hinweisung. Die apokalyptische Aussage. Bemerkungen zum Menschensohn-Verständnis des NT*: TZBas 27 (1971) 81-104.

eventos da paixão de Jesus. Do Filho do homem dir-se-á que veio para "dar a sua vida em redenção por muitos" (Mc 10, 45; Mt 20, 28). Os sinópticos tendem a salientar não só a relevância salvífica do sofrimento de Jesus, mas também a dimensão de livre voluntariedade de sua aceitação da paixão (7).

c) "O Filho de Deus"

Quer no judaísmo veterotestamentário, quer no judaísmo tardio pré-cristão, a designação de "filho de Deus" tinha uma profunda ressonância religiosa e nacional. Israel, como nação consagrada a Deus na aliança, é o "filho de Deus" (Ex 4, 22; Os 11, 1). Particularmente o monarca davídico, que regia o povo em nome do Senhor, merecia tal designação (Sal 2, 7; II Sam 7, 14). No judaísmo helenista também o justo fiel ao Senhor recebe a titulação de "filho de Deus" (Sab 2, 18; 5, 5; Ecli 4, 10). Aos poucos, o título perdeu a ressonância diretamente messiânica, para adquirir uma conotação preferentemente antropológica e salvífica, em conexão com o tema da expiação do "servo do Senhor" (4 Esdr 13, 32). Nos sinópticos, o título serve para salientar a dimensão de profundidade na pessoa de Jesus e no seu relacionamento com o Pai: "Todas as coisas me

foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece quem é o Filho, senão o Pai, nem quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Lc 10, 22; Mt 11, 27). A relevância escatológica de Jesus e a sua singular transcendência salvífica é bem salientada no título de Filho e na sua particular posição na ordem da revelação. "Nem os anjos do céu, nem mesmo o Filho" (Mc 13, 32; Mt 24, 36), tal gradação exprime, falando da consumação escatológica e do conhecimento de sua hora, a especial posição de Jesus. Como também a fórmula mateana do batismo, com a associação do nome do Filho ao do Espírito e ao do Pai, exprime, por sua vez, a significação salvífica de Jesus. Tais conotações conferem à titulação de "Filho" uma particular densidade, inclusive acenando a ulteriores implicações ontológicas. A confissão do discípulo: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!" (Mt 16, 16), adquire particular significação à luz dos dados cristológicos globais, oferecidos nas tradições sinópticas (cf. Mc 1, 11; 9, 7). Como igualmente a cristologia sinóptica adquire uma particular dimensão de profundidade nos temas da missão e da vinda do Filho, com tácito aceno à sua relevante transcendência e preexistência, em conexão com o

(7) O aceno à liberdade na aceitação pessoal do sofrimento redentor é uma novidade neotestamentária, com relação à figura do Messias. A tradição judaica eliminava o sofrimento e a vicariedade da figura messiânica (cf. 4 Esdr 7, 28; 13, 32; Targum a Is 53).

T. W. MANSON, *The Servant-Messiah* (London 1953); E. LOHMEYER, *Gottesknecht und Davidsohn* (Göttingen 1953); Ch. MAURER, *Knecht Gottes und Sohn Gottes im Passionsbericht des Markus-Evangeliums*; ZThK 50 (1953) 1-53; E. LOHSE, *Märtyrer und Gottesknecht* (Göttingen 1955).

tema do Filho do homem (cf. Mc 10, 45; Lc 19, 10) (8).

d) "O Messias"

Como é conhecido, a figura escatológica do Messias suscitava no povo de Israel numerosas ressonâncias, em conexão com a experiência religiosa e com a sorte nacional. Nos sinópticos, a titulação de Messias serve a designar aquele que deveria vir e que veio, proclamando Jesus "Filho de Davi" e "Rei dos Judeus": "Sabendo que era Jesus de Nazaré, começou a gritar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!" (Mc 10, 47s; Mt 20, 30s; Lc 18, 38s). Mas, o reinado de Jesus é profundamente trágico: "E começaram a saudá-lo: Salve, Rei dos Judeus!" (Mc 15, 18; Mt 27, 29; Lc 19, 3). O seu messianismo é misterioso: "Era a hora terceira quando o crucificaram. A inscrição que motivava a sua condenação dizia: O Rei dos Judeus" (Mc 15, 25s; Mt 27, 37; Lc 23, 38). Jesus é, pois, proclamado o Messias, o Cristo (Mc 8, 29; 9, 41; 14, 61). Mas seu messianismo supõe uma radical entrega ao sacri-

fício da redenção (Mc 8, 31; 9, 31), e uma total renúncia à vitória política terrena: "Transportou-o, uma vez mais, a um monte alto, e, lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-lhe: "Darte-ei tudo isto, se, prostrando-te diante de mim, me adorares". Respondeu-lhe Jesus: "Para trás, Satã, pois está escrito: Adorará o Senhor teu Deus, e só a ele servirás" (Mt 4, 8ss; Lc 4, 6ss) (9).

3. A cristologia da comunidade primitiva

Também nos Atos dos Apóstolos encontramos uma cristologia estruturada pelas tensões derivadas da dimensão histórica. A continuidade histórica com o passado é assumida na atualidade salvífica do presente, que, por sua vez, antecipa significativamente o futuro. A atenção por manter a continuidade com o Jesus da história não é simplesmente uma intenção cara ao narrador e teólogo Lucas (At 1, 1-3), mas uma exigência fundamental para a comunidade primitiva (cf. At 1, 21s); mesmo que o passado seja assumido no presente da

(8) No helenismo, o termo designa o sábio, o taumaturgo, o mago, o monarca, enquanto vir divinus, salvator, benefactor. G. P. WETTER, *Der Sohn Gottes* (Göttingen 1916); J. BIE-NECK, *Sohn Gottes als Christusbezeichnung der Synoptiker* (Zürich 1951); E. SCHWEIZER, *Ökumene im Neuen Testament: Der Glaube an den Sohn Gottes*, in: *Beiträge zur Theologie des Neuen Testaments* (Zürich-Stuttgart 1970) 97-111.

(9) Para o background do tema do messias, deve considerar-se a dimensão real da figura messiânica (cf. II Sam 7, 14 e PsSal 17, 4, 21s; 4 Esdr 7, 26ss; 11-14; Apoc Bar 72ss). Para o tema do Messias-sacerdote, ver na lit. intratestamentária o TestXIIIPatr (Test Rub 6,7ss; TestSim 7, 2) e em Qum-

ran (o Escr. Damasco). J. KLAUSNER, *Die messianischen Vorstellungen des jüdischen Volkes im Zeitalter der Tannaiten* (Berlin 1904); M. ZOLBER, *Gottes Gesalbter. Der Messias und die messianische Zeit in Talmud und Midrasch* (1930); W. MANSON, *Jesus the Messiah* (London 1943); E. STAUFFER, *Messias oder Menschensohn?*: NovT 1 (1956) 81-102; G. FRIEDRICH, *Beobachtungen zur messianischen Hohepriestererwartung in den Synoptikern*; ZThK 53 (1956) 265-311; N. A. DAHL, *Der gekreuzigte Messias*, in: *Der historische Jesus und der kerygmatische Christus* (Berlin 1960) 149-169; W. C. van UNNIK, *Jesus the Christ*: NTS 8 (1961/62) 101-116.

salvação acontecida, com toda a relevância escatológica da realidade anunciada no kerygma: "Que toda a casa de Israel saiba portanto com a maior certeza, que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo" (At 2, 36); "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2, 38). Nem a dimensão expiatória é esquecida: "Deus, porém, assim cumpriu o que já antes anunciara pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo devia padecer" (At 3, 18). O mesmo dado cristológico fundamental sobre o caminho messiânico de Jesus, pela humilhação e exaltação, é fortemente salientado: "O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes, suspendendo-o num madeiro. Deus elevou-o pela sua mão direita como Príncipe e Salvador, a fim de dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados" (At 5, 30s). Em Jesus se encontram a paz e a remissão (At 10, 36-43). Em uma palavra, na graça de Jesus se encontra a salvação: "Nós cremos que pela graça de nosso senhor Jesus Cristo seremos salvos" (At 15, 11). Desta particular significação salvífica de Jesus deriva a relevância do dado cristológico no kerygma. Em Jesus crucificado encontramos, exclusivamente, a salvação de Deus (At 4, 12). Ele é exaltado à direita de Deus

(At 2, 24; 7, 55s) e à plenitude do senhorio messiânico: "Pois Davi pessoalmente não subiu ao céu, todavia diz: O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés" (At 2, 34; cf. Sal 109, 1). O acento na exaltação de Jesus, concretizada na ressurreição, expressa-se particularmente no título de "Senhor", manifestação também da singular relevância escatológica do Cristo (At 2, 24; 3, 15; 10, 36) (10).

II. PAULO E SEUS EPÍGONOS

1. Atualização e continuidade

a) A perspectiva paulina

Para Paulo é central o anúncio da salvação de Deus em Cristo: "Quanto ao fundamento ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi posto: Cristo Jesus!" (I Cor 3, 11). Tal proclamação salvífica constitui o centro da missão e da mensagem paulina: "De fato, nós não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor" (II Cor 4, 5). A relevância de Cristo é proclamada não só no plano funcional da soteriologia, mas também no plano ontológico da transcendência e preexistência. Inspirando-se nas categorias da literatura sapiencial veterotestamentária, Paulo proclama a preexistência do Salvador e

(10) J. GEWIESS, *Die Urapostolische Heilsverkündigung nach der Apostelgeschichte* (Breslau 1939); E. LOHSE, *Lukas als Theologe der Heilsgeschichte* (Neukirchen 1961).

te: *EvT* 14 (1954) 256-275; G. W. H. LAMPE, *The Lucan Portrait of Christ: NTS* 2 (1955/56) 160-175; U. WILKENS, *Die Missionsreden der Apostelgeschichte* (Neukirchen 1961).

sua mediação na obra da criação (I Cor 8, 6; cf. Col 1, 16s), como sabedoria divina preexistente. O Filho de Deus preexistente, existindo **in forma Dei**, despojou-se na humilhação salvífica tornando-se **in forma servi**, semelhante a nós (Flp 2, 6s). Só na perspectiva da preexistência transcendente do Filho, percebe-se a relevância teológica de sua missão: "Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne" (Rom 8, 3b); "Deus o fez pecado por nós, para que nós nele nos tornássemos justiça de Deus (II Cor 5, 21) (11).

b) Atualização salvífica

Os temas da cruz e ressurreição servem para salientar a dimensão salvífica do kerygma paulino. Cristo crucificado é o centro da proclamação paulina: "Mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos" (I Cor 1, 23). Com a cruz, porém, vai unida a ressurreição: "Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (I Cor 15, 3s). Cruz e ressurreição, porém, têm uma dimensão salutar: "foi entregue por nossos pecados e ressurgiu para a nossa justificação" (Rom 4,

25). Na ressurreição Deus legitima quanto aconteceu na cruz e inaugura a fase escatológica da vitória fundamental sobre o pecado e a morte: "Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!" (I Cor 15, 57). A relevância salvífica da obra do Cristo é salientada por numerosas metáforas e categorias, aptas a exprimir, nos seus diversos ângulos, a incidência soteriológica da morte e ressurreição de Jesus. O mesmo tema fundamental é expresso em diversas variantes literárias. Assim, Paulo pode falar-nos em categorias comerciais, dizendo-nos: "Porque fostes comprados por um grande preço" (I Cor 6, 20a); outras vezes, exprime-se Paulo em categorias polêmicas, de triunfo e vitória: "O último inimigo a destruir será a morte, porque Deus sujeitou tudo debaixo dos seus pés" (I Cor 15, 26); em outras ocasiões, Paulo assume uma terminologia de reconciliação, dentro do esquema da antinomia entre a inimizade e a amizade: "Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo, e nos confiou o ministério desta reconciliação. Porque era Deus que em Cristo reconciliava consigo o mundo, não lhe levando mais em conta os pecados dos homens e pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação" (II Cor 5, 18s); também se encontra em Paulo uma terminologia de coloração jurídica, que

(11) E. SCHWEIZER, *Zur Herkunft der Präexistenzvorstellung bei Paulus*: EvT 19 (1959) 65-70; A. FEUILLET, *Le Christ Sagesse de Dieu d'après les*

épîtres pauliniennes (Paris 1966); E. SCHWEIZER, *Zum religionsgeschichtlichen Hintergrund der "Sendungsformel"*: ZNW 57 (1966) 199ss.

exprime a significação da cruz em categorias de reparação e satisfação: "Cristo remiu-nos da maldição da lei, fazendo-se por nós maldição: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro" (Gal 3, 13; cf. Dt 21, 23); finalmente, acha-se também em Paulo um vocabulário cúltico, que exprime a obra salvífica de Jesus na simbologia de expiação e de sacrifício cruento: "Deus o destinou para ser, pelo seu sangue, lugar de propiciação mediante a fé" (Rom 3, 25a). Neste sentido, Paulo falará também da imolação do Cristo (cf. I Cor 5, 7). A carta aos efésios exorta: "Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo que nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor" (Ef 5, 2) (12).

c) Continuidade histórica

Mesmo que o objetivo literário de Paulo não seja certamente o de uma reconstrução biográfica do caminho histórico de Jesus, contudo encontram-se, nas cartas paulinas, numerosos dados sobre a vida e as palavras do Redentor, salientando a continuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé e sua identidade real. Em Paulo se acena ao nascimento do davídida (Gal 4, 4; Rom 1, 3), à sua raça e nação (Rom 9, 5; 15, 8), à sua família e parentes (I Cor 9, 5; Gal 1, 19).

(12) K. ROMANIUK, *L'amour du Père et du Fils dans la sotériologie de s. Paul* (Roma 1961); D. M. STANLEY, *Christ's Resurrection in Pauline Soteriology* (Roma 1961).

Particularmente se acena à noite da traição e ao ato da ceia (I Cor 11, 23s), à morte e ressurreição (I Cor 15, 3ss). Igualmente, faz-se alusão ao comportamento de Jesus como paradigma do comportamento cristão, na humilhação (Flp 2, 6ss), e mesmo na morte (Ef 5, 2), na mansidão e bondade (II Cor 10, 1), no suportar as injúrias (Rom 15, 3) e na obediência até a morte (Flp 2, 5.8). A mesma continuidade com o passado histórico transparece da referência paulina a palavras de Jesus, sobre a fidelidade no matrimônio (I Cor 7, 10s), sobre a subsistência do que anuncia o evangelho (I Cor 9, 14), sobre o sentido do sacrifício da cruz (I Cor 11, 23s), sobre o amor aos inimigos (Rom 12, 14). A continuidade fundamental com o Senhor realiza-se na comunidade espiritual e na comunhão mística, pela qual se vive no "corpo de Cristo" (I Cor 12, 12-27), na interiorização do Ressuscitado (cf. Rom 14, 8; Gal 2, 20) (13).

2. Relevância escatológica

a) O Senhor

A relevância escatológica do Cristo é singularmente salientada com o título predileto da cristologia paulina, o "Senhor": "Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo" (I Cor 12, 3b); "Porque se confessares bem alto com tua boca que Jesus é o

(13) J. KLAUSNER, *From Jesus to Paul* (London 1944); B. RIGAUX, *Saint Paul et ses lettres. État de la question* (Paris 1962), 63ss.

Senhor, e se creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rom 10, 9). Jesus é o Cristo, o Senhor da Igreja e do mundo. Jesus é o Senhor da comunidade escatológica, constituída por aqueles que invocam o nome do Senhor Jesus: “A Igreja de Deus que está em Corinto, aos fiéis santificados em Cristo Jesus, chamados à santidade com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor nosso e deles” (I Cor 1, 2). No batismo, o fiel e a comunidade invocam o nome do seu Senhor (Rom 6). Na ceia, recorda-se a mesa do Senhor e a ceia do Senhor (I Cor 10, 21; 11, 20). Do seu Senhor, Jesus, a comunidade espera ajuda na dificuldade e força na tentação (I Tes 3, 11; II Tes 3, 3). O Senhor permanece perto da comunidade com a sua graça (II Cor 13, 13a) e com as suas palavras (I Cor 7, 10; cf. 25; 9, 14). Os fiéis pertencem a seu Senhor na vida e na morte: “Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rom 14, 8). Não só da Igreja, também do mundo é Jesus Cristo o Senhor. “Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos” (Flp 2, 9).

(14) W. FOERSTER, *Herr ist Jesus* (Gütersloh 1924); E. SCHWEIZER, *Jesus Christus, Herr über Kirche und Welt*, in: *Libertas christiana* (1957) 175-187; W. KRAMER, *Christos, Kyrios, Got-*

Sobre todas as potestades deste mundo, Jesus venceu: “Despojou os principados e potestades, triunfando deles pela cruz” (Col 2, 15). A dominação do Cristo sobre o mundo e sobre a comunidade é exclusiva e única: “Pretende-se, é verdade, que existam outros deuses, ou no céu ou na terra (e há um bom número desses deuses e senhores); mas para nós, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas, e para quem nós existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem, e nós outros igualmente existimos” (I Cor 8, 5s). Jesus é, pois, o Senhor definitivo do mundo e da comunidade escatológica, a Igreja. Tal é a profissão de fé cristológica das comunidades pré-paulinas e paulinas, em continuidade espiritual com as mais arcaicas comunidades palestinas (14).

b) O novo Adão

A singular posição de Jesus na história da salvação aparece bem salientada na titulação paulina do “novo Adão”. O Cristo é também o representante e recapitulador escatológico da humanidade toda, pela sua própria ressurreição: “Mas, eis que Cristo ressuscitou dentre os mortos; primícias dos que morreram. Com efeito, por um homem veio a morte, e é por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morreram, assim

tessohn (Zürich-Stuttgart 1963). Já a comunidade palestina usava o título (Apoc 22, 30) e, igualmente, a comunidade pré-paulina (Flp 2, 9s).

também em Cristo todos reviverão, mas cada um em sua ordem: Cristo como primícias; depois os que serão de Cristo, na ocasião de sua vinda" (I Cor 15, 20ss). A ressurreição do Cristo inaugura a escatologia, que será consumada no seu retorno. A relevância escatológica do Cristo e a sua transcendência é bem salientada na polêmica paulina contra diversas opiniões judaico-gnostizantes: "Se há um corpo animal, também há um espiritual. Como está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o segundo Adão é espírito vivificante. Mas não é o espiritual que vem primeiro, e sim o animal; o espiritual vem depois. O primeiro homem tirado da terra, é terreno; o segundo veio do céu" (I Cor 15, 44b-47). Igualmente, aparece fortemente salientada em Paulo a incidência antropológica da ação salvífica de Jesus, em paralelo com o pecado de Adão e em antítese com o mesmo: "E não aconteceu com o dom o mesmo que com as consequências do pecado de um só: porque o juízo do pecado de um só redundou na condenação; mas, depois de muitas ofensas, o dom da graça atrai um juízo de justificação. Se pelo pecado de um só reinou a morte (por culpa dele), muito mais aqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão na vida por um só, que é

Jesus Cristo!" (Rom 5, 16s) (15).

3. A cristologia pós-paulina

a) Deus salvador

A transcendência e relevância do Cristo são expressas nas pastorais paulinas com singular insistência. Jesus é o nosso Salvador (Tit 1, 4) ou ainda, em contraposição aos "deuses salvadores" dos cultos místéricos, Jesus Cristo é proclamado "o grande Deus e Salvador" (Tit 2, 13), através do qual o Pai nos envia o Espírito Santo (Tit 3, 6). Uma nova época salvífica se inaugura com a vinda e epifania do Salvador: "Deus salvou-nos e nos chamou para a santidade, não devido às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus desde antes dos tempos eternos, e que agora se manifestou na aparição de nosso Salvador Jesus Cristo. Ele destruiu a morte e irradiou luz de vida e imortalidade pelo Evangelho" (II Tim 1, 9s). Assim pois, em antinomia com os cultos místéricos e com o culto imperial, Jesus Cristo é proclamado a única e definitiva epifania salvífica, inaugurada de um tempo novo. Jesus é o Salvador escatológico da morte e do pecado (16).

b) Cordeiro imaculado

Na primeira epístola de Pedro aparecem novamente di-

(15) M. BLACK, *The Pauline Doctrine of the Second Adam*: SJTh 7 (1954) 170-179; A. VÖGTLE, *Die Adam-Christus-Typologie und "Der Menschensohn"*: TThZ 60 (1951) 309-328; E. BRANDENBURGER, *Adam und Christus* (Neukirchen 1962).

(16) Cf. K. H. RENGSTORF, *Die Anfänge der Auseinandersetzung zwischen Christusglaube Asklepiosfrömmigkeit* (Münster 1953); E. PAX, *Epiphaneia*. (München 1955).

versos temas da cristologia tradicional, particularmente em relação com a dimensão salvífica da obra de Jesus: "Porque vós sabeis que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro, que tendes sido resgatados de vosso vão procedimento, recebido por tradição de vossos pais, mas pelo precioso sangue de Cristo, o cordeiro imaculado e sem defeito algum; aquele que foi predestinado antes da criação do mundo e que nos últimos tempos foi manifestado por vosso amor" (I Pe 1, 18ss). A incidência ética da cristologia, como paradigma da existência cristã, é também salientada no tema do seguimento e imitação do Cristo: "Ora, é para isto que fostes chamados. Também Cristo padeceu por nós, deixando-vos exemplo para que sigais os seus passos" (I Pe 2, 21). A paciência de Jesus é paradigmática do comportamento ideal do cristão: "Ele, ultrajado, não retribuía com idêntico ultraje; ele, maltratado, não proferia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça. Carregou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos aos nossos pecados, vivamos para a justiça" (I Pe 2, 23s). Pela sua expiação vicária, Jesus tornou-se redentor e pastor dos remidos: "Por fim, por suas chagas fomos curados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora retornastes ao pastor e guarda das vossas almas" (I Pe 2, 24b-25). A relevância escatológica do Cris-

to é singularmente salientada, juntamente com a universalidade da salvação, no insólito tema da pregação aos mortos no hades (I Pe 3, 19; 4, 6) (17).

c) O sumo Sacerdote

A novidade mais significativa da cristologia da epístola aos hebreus é, sem dúvida, a caracterização de Jesus como "sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedec" (Hebr 6, 20) e como "sumo sacerdote, sentado à direita do trono da majestade divina nos céus" (Hebr 8, 1). Se por uma parte a epístola deseja frisar a transcendência de Jesus, enquanto "Filho, herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo" (Hebr 1, 2), e também "resplendor de sua glória e figura de sua substância" (Hebr 1, 3a); contudo, a epístola sublinha do mesmo modo a proximidade existencial e a semelhança fraterna de Jesus: "Por isso, ele teve de assemelhar-se em tudo a seus irmãos, para ser um sacerdote compassivo e fiel no serviço de Deus, capaz de expiar os pecados do povo" (Hebr 2, 17). O caminho de Jesus passou pela humilhação e pela morte (Hebr 2, 9), pela luta e agonia (Hebr 5, 7), pela provação e tentação (Hebr 4, 15), pelo sofrimento e obediência (Hebr 5, 8), dando prova de confiança total no Pai (Hebr 2, 13). Jesus é sim o Cristo (Hebr 3, 14) e o Senhor (Hebr 1, 8ss), mas sobre tudo é o redentor e salvador defini-

(17) E. LOHSE, *Paränese und Kerygma im I. Petrusbrief*: ZNW 45 (1954) 68-89;

J. CHAINE, *Descente du Christ aux enfers*: DBS II, 395-431.

tivo que, como “sumo sacerdote”, realiza a salvação de uma vez por sempre, permanecendo a interceder por nós perante o Pai: “Mas este, porque vive para sempre, possui um sacerdócio eterno. É por isso que lhe é possível levar a termo a salvação daqueles que por ele vão a Deus, porque ele vive sempre para interceder em seu favor. Tal é, com efeito, o pontífice que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus, que não tem necessidade, como os outros sumos-sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo: pois isto o fez de uma só vez para sempre, oferecendo-se a si mesmo” (Hebr 7, 24-27; 9, 12; 10, 10) (18).

III. JOÃO E O APOCALIPSE

1. Continuidade e atualização

a) A perspectiva joanina

O evangelho joanino é caracterizado por um intenso cristocentrismo. O Cristo aparece constantemente, nos diálogos e nos monólogos, nos sinais e nos sermões, falando fundamentalmente à comunidade de fé, propondo a salvação e a vida. Nenhum outro livro do Novo Testamento é tão intensamente a voz do *Christus praesens in ecclesia*. O cristocentrismo joanino manifesta-se precisamente na constante

concentração sobre a substância da mensagem salvífica de Jesus e, simultaneamente, sobre o íntimo relacionamento de Jesus e o Pai. Jesus não só é o revelador do Pai, mas a auto-revelação de Deus: “Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou” (Jo 1, 18). Jesus é, pois, o revelador definitivo do Pai. O dom do Filho é a revelação do amor do Pai aos homens: “De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único” (Jo 3, 16). Pela sua proximidade ao Pai, o Filho é o revelador privilegiado e plenipotenciário: “Aquele que vem de cima é superior a todos. Aquele que vem da terra é terreno e fala de coisas terrenas. Aquele que vem do céu é superior a todos. Ele testemunha as coisas que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho. Aquele que recebe o seu testemunho confirma que Deus é verdadeiro. Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque ele concede o Espírito sem medidas. O Pai ama o Filho e confiou-lhe todas as coisas” (Jo 3, 31-35). A íntima união de Jesus com o Pai manifesta-se também no plano do comportamento: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra” (Jo 4, 34). Tal unidade, pois, constitui o sentido fundamental da missão de Jesus: “Pois descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade

(18) G. SCHILLE, *Erwägungen zur Hohepriesterlehre des Hebräerbriefes*: ZNW 46 (1955) 81-109; O. KUSS, *Der theologische Grundgedanke des Hebräer-*

briefes: MünchThZ 7 (1956) 233-271; T. da CASTEL SAN PIETRO, *Il sacerdozio celeste di Cristo nella lettera agli Ebrei*: Greg 39 (1958) 319-334.

daquele que me enviou" (Jo 6, 38). Por isso, também Jesus é, no seu comportamento, a auto-revelação do Pai: "Aquele que me vê, vê também o Pai" (Jo 14, 8). Através de Jesus atua o Pai: "Não credes que estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem realiza suas próprias obras" (Jo 14, 10) (19).

b) Continuidade histórica

Mesmo que a cristologia joanina saliente a transcendência de Jesus, frisa também intensamente a continuidade com a história e a realidade humana de Jesus. Assim, a cristologia joanina anuncia uma semelhança e unidade fundamental com o Pai e também conosco: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30), anuncia o evangelho; mas também se frisa a componente antignóstica e antidoce-tista na cristologia joanina. Jesus tem fome e sede: "Jesus fatigado da viagem, sentou-se à beira do poço. Era pelo meio-dia. Veio uma mulher da Samaria tirar água. Pediu-lhe Jesus: Dá-me de beber" (Jo 4, 6s); Jesus sente tristeza e perturbação (Jo 11, 35; 12, 27); Jesus tem parentes, como qualquer homem (Jo 6, 42; 7, 3), e, igualmente, amigos (Jo

11, 5). Dada a intensidade com a qual João acentua a transcendência de Jesus, proclamando explicitamente sua pre-existência (Jo 1, 1s; 8, 58; 17, 5. 24), particularmente junto do Pai, antes da criação do mundo, e sua vida para realizar a salvação (Jo 1, 15. 30); 3, 31s; 13, 3; 16, 28), resulta mais significativa a expressão joanina da existência real de Jesus, na descrição do seu cansaço e de sua dificuldade no ministério (20).

c) Atualização salvífica

Já nos primórdios da epifania messiânica do Salvador, a cristologia joanina salienta a dimensão salvífica de sua missão: "Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", dirá o Batista (Jo 1, 29. 36). Posteriormente, o evangelista relacionará o modo da morte de Jesus com o sacrifício do cordeiro pascoal: "Assim se cumpriu a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19, 36; cf. Ex 12, 46). Outras vezes, é em forma de aceno que se faz alusão à morte de Jesus e a sua dimensão salvífica: Jesus deverá ser "elevado" na cruz, como a serpente no deserto (Jo 3, 14s); Jesus deverá ser "comido" como expressão da aceitação de sua morte e da salvação (Jo 6, 51-58); Jesus é o

(19) W. LÜTGERT, *Die johanneische Christologie* (Gütersloh 1916); J. SCHNEIDER, *Die Christusschau des Johannesevangeliums* (Berlin 1935); J. DUPONT, *Essais sur la christologie de s. Jean* (Bruges 1951); J. E. DAVEY, *The Jesus of St. John* (London 1958); J. GIBLET, *Jésus et le "Père" dans le IVe Évangile*: Rech. Bibl. III (Louvain 1958) 111-130; E.

M. SIDEBOTTOM, *The Christ of the Fourth Gospel* (London 1961); F.-M. BRAUN, *Messie, Logos et Fils de l'Homme*: Rech. Bibl. VI (Louvain 1962) 133-147.

(20) W. GRUNDMANN, *Zur Rede Jesu vom Vater im Johannesevangelium*: ZNW 52 (1961) 213-230; C. H. DODD, *Historical Tradition in the Fourth Gospel* (Cambridge 1963).

homem que deve morrer em lugar do povo (Jo 11, 50; 18, 14); a morte de Jesus é a “consumação de tudo (Jo 19, 30). Também na primeira epístola joanina se acena à significação expiatória da obra de Jesus: “Se, porém, andamos na luz como ele mesmo está na luz, temos comunhão recíproca uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1, 7). Jesus é, pois, nossa expiação: “Ele é a expiação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo (1 Jo 2, 2). Nossos pecados “são perdoados pelo seu nome” (1 Jo 2, 12). A morte salvífica de Jesus é o sinal de seu amor: “Nisto temos conhecido o amor: deu sua vida por nós” (Jo 3, 16). O amor do Cristo é a revelação do amor de Deus: “Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos ele amado primeiro e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados” (1 Jo 4, 10). A soteriologia joanina, por outra parte, aparece condicionada pela característica escatologia do quarto evangelho, a qual, mesmo sem desconhecer a dimensão do futuro, a hora da ressurreição (Jo 5, 25-29), e o juízo no “último dia” (Jo 6, 40. 44. 54; 12, 48; cf. 1 Jo 4, 17); contudo, acentua fundamentalmente a realização da salvação e a sua atualização no presente. O juízo acontece já no momento da decisão de fé:

“Quem nele crer não será condenado, mas quem não crer já está condenado, porque não crê no nome do Filho único de Deus. Ora, este é o julgamento; a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más” (Jo 3, 18s). Não só o juízo, mas também a ressurreição é incoada já no momento da fé e da decisão cristã: “Em verdade, em verdade vos digo, quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida” (Jo 5, 24). O juízo fundamental já está realizado, porque “o príncipe deste mundo já está julgado e condenado” (Jo 16, 11). Tal era o sentido da missão e vinda do Salvador, destruir as obras do mal. “Aquele que peca é do demônio, porque o demônio peca desde o princípio. Eis porque o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio” (1 Jo 3, 8). A vitória definitiva aconteceu já (Jo 16, 33). Deste modo, a morte de Jesus não só constitui o momento definitivo da salvação, perenemente atual, mas também o acontecimento escatológico definitivo (21).

2. Relevância escatológica

a) O Messias

Como para os Sinópticos, também para João Jesus é o

(21) W. F. HOWARD, *Christianity according to St. John* (London 1943); E. K. LEE, *The Religious Thought of St. John* (London 1950); W. STAHLIN, *Das johanneische Denken* (Wit-

ten 1954); Th. MÜLLER, *Das Hells-geschehen im Johannes-Evangelium* (Zürich-Frankfurt 1961); L. van HARTINGSVELD, *Die Eschatologie des Johannes-Evangeliums* (Assen 1962).

Cristo que devia vir. Já nos primeiros episódios do evangelho se acena à messianidade de Jesus: "Achamos o Messias (que quer dizer o Cristo)", dirá André a Simão (Jo 1, 41). E, à palavra da mulher de Samaria, "sei que deve vir o Messias, que se chama Cristo", responderá Jesus: "Sou eu, quem fala contigo" (Jo 4, 25s). Jesus é aquele de quem fala a Escritura (Jo 1, 45), o "rei de Israel" (Jo 1, 49), o "santo de Deus" (Jo 6, 69). A messianidade de Jesus aparece modificada, em João, pela particular coloração escatológico-salvífica da figura do "profeta" que deveria vir (Dt 18, 15ss). Jesus é proclamado o profeta escatológico (cf. Jo 1, 21. 25; 6, 14; 7, 40s. 52) (22).

b) O Filho do homem

Igualmente como nos Sinóticos, também em João, Jesus aparece como o Filho do homem que deverá realizar o juízo do mundo. A Jesus, o Pai "lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do homem" (Jo 5, 27). O juízo do mundo realiza-se já fundamentalmente na cruz: "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do homem, para que quem nele crer tenha a vida eterna" (Jo 3, 14s). O momento da cruz é o da revelação de-

finitiva (cf. Jo 8, 28). O caminho do "Filho do homem" inclui um momento de humilhação (Jo 12, 34) e um momento de glorificação (Jo 13, 31). O Filho do homem é a figura escatológica da definitiva mediação cósmica (Jo 1, 51) e salvífica (Jo 6, 27): "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, que o Filho do homem vos dará. Pois nele Deus Pai imprimiu o seu sinal" (Jo 6, 27, cf. 53). Deste modo, o Filho do homem, preexistente (Jo 3, 13; 6, 62) e futuro (Jo 5, 27), recapitula, em si mesmo, a história toda da salvação (23).

c) O Salvador

Jesus era não só o messias que devia vir e o filho do homem que deverá voltar, mas também, e fundamentalmente, o salvador do mundo e do seu pecado: "Nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o salvador do mundo", dirão os homens de Samaria (Jo 4, 42b). Jesus morrerá pela redenção do pecado do mundo (Jo 1, 29. 36; 19, 36), sua morte na cruz é a consumação da salvação (Jo 3, 14s; 19, 30), e simultaneamente constitui a expiação vicária em favor do povo (Jo 11, 50; 18, 14). Também na grande epístola joânica é proclamada a nossa salvação no seu sangue (I Jo 1, 7) e a sua expiação vicária pelos

(22) Cf. n. 9 Sobre a figura escatológica do "profeta", o background histórico-religioso permanece impreciso. Fora do aceno a Dt 18, poderia pensar-se em 1 Mac 4, 46; 9, 26; 14, 41, sobre o profeta dos tempos de calamidade, e em TestLev 8,15, ou na figura do

Mestre de Justiça de Qumran (cf. comentário a Habakuk). Ver M. DE JONGE, *Jesus as Prophet and King in the Fourth Gospel*: EphThL 49 (1973) 160-177.

(23) Cf. n. 6.

nossos pecados e pelos pecados de mundo (I Jo 2, 2. 12). Por isso, não surpreende a proclamação de sua intervenção em intercessão por nós: “Não pequeis. Mas se alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo” (I Jo 2, 1). Jesus “apareceu para tirar os pecados” (cf. I Jo 3, 5) e “para destruir as obras do demônio” (I Jo 3, 8). A sua redenção nos purifica, porque Jesus Cristo veio “pela água e pelo sangue” (cf. Jo 5, 6) (24).

d) O Filho

A cristologia joanina proclama não só a relevância escatológica e salvífica de Jesus, mas também a sua transcendência ontológica e a sua preexistência divina. Jesus é “o Filho”, unido ao Pai em íntima relação. A sua filiação é única. Jesus é o unigênito do Pai (Jo 1, 14), que está “no seio do Pai” (Jo 1, 18). Por isso, a missão do Filho no mundo é a revelação do amor do Pai e o seu máximo dom (Jo 3, 16; I Jo 4, 9). O Filho é amado do Pai (Jo 3, 35; 5, 20), porque em tudo faz a vontade do Pai (Jo 5, 19). A “homousia” de Jesus com o Pai é fortemente salientada pelo evangelista: “Por esta razão os judeus, com maior ardor, procuravam tirar-lhe a vida, porque não somente violava o sábado, mas afirmava ainda que Deus era seu Pai e se fazia assim igual a Deus”

(Jo 5, 18); ou ainda: “Os judeus responderam-lhe: Não é por causa de alguma boa obra que te queremos apedrejar, mas por uma blasfêmia, porque sendo homem te fazes Deus” (Jo 10, 33; cf. 30). Neste contexto, não pode deixar de sublinhar-se a transcendência de Jesus, enquanto Logos de Deus, estando junto a Deus e sendo ele mesmo divino, e atuando decisivamente na obra da criação do mundo (Jo 1, 1-3). Jesus é palavra do Pai definitiva e feita história humana e existência concreta (Jo 1, 14); próximo de nós, na sua humanidade (I Jo 1, 1); pela sua intimidade com o Pai e pela sua missão, em meio de nós, Jesus é constituído o revelador definitivo. O unigênito do Pai é o “exegeta” do Pai (cf. Jo 1, 18). A comunidade confessa a transcendência do Ressuscitado (Jo 20, 28): “Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu inteligência para conhecermos o verdadeiro. E estamos no verdadeiro, nós que estamos em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (I Jo 5, 20) (25).

3. A cristologia do Apocalipse

Todos os aspectos fundamentais da cristologia neotestamentária estão também presentes na visão do apocalipse. Jesus é “Senhor dos senhores e Rei dos reis” (Apoc 17, 14; 19, 16), “semelhante a um Filho

(24) W. THÜSING, *Die Erhöhung und Verherrlichung Jesu im Johannes-evangelium* (Münster 1960).

(25) E. SCHWEIZER, *Aufnahme und Korrektur jüdischer Sophiatheologie im*

Neuen Testament, in: *Neotestamentica* (Zürich-Stuttgart 1963) 110-121; C. DEMKE, *Der sogenannte Logos-hymnus im johanneischen Prolog*: ZNW 58 (1967) 45-68.

de homem" (Apoc 1, 13; 14, 14), "está vestido com um manto tinto de sangue e o seu nome é o Verbo de Deus" (Apoc 19, 13), "o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim" (Apoc 22, 13). Na simbologia apocalíptica aparecem todos os motivos básicos da cristologia, a relevância escatológica, a atualidade salvífica, a continuidade histórica, mesmo em uma perspectiva trans-histórica. Fundamentalmente, porém, o aspecto mais diretamente frisado é o da humilhação e exaltação de Jesus, sob os símbolos da imolação e do triunfo do cordeiro. O humilhado é digno da glória: "Digno é o cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a glória, a honra e o louvor" (Apoc 5, 12). "O sangue do cordeiro" é salvação e força para os mártires (cf. Apoc 5, 9; 7, 14; 12, 11). A humilhação e imolação do cordeiro constituem o caminho da redenção e da vitória: ele está "no meio do trono" (Apoc 5, 6); a sua "ira" é terrível (Apoc 6, 16); a condenação dos ímpios será definitiva (cf. Apoc 14, 10). A humilhação e exaltação do Cristo, sob o símbolo da imolação e vitória do cordeiro, passam a ser o paradigma do caminho da comunidade, que deve conservar a fidelidade e a esperança no meio da tribulação e perseguição, confiando no triunfo definitivo: "Eu ouvi no

céu uma voz forte que dizia: Agora chegou a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus, assim como a autoridade de seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava, dia e noite, diante de nosso Deus. Mas estes venceram-no por causa do sangue do cordeiro e da palavra do seu testemunho" (Apoc 12, 10s). A vitória da comunidade tem a sua garantia no precedente triunfo do cordeiro (Apoc 12, 11; cf. 5, 6. 12; 6, 16; 14, 10) (26).

* * *

No fim deste estudo de cristologia neotestamentária, uma **conclusão** se impõe: Existe uma unidade fundamental nas diversas cristologias dos diversos escritos do Novo Testamento. Certamente, existem diversas linguagens, diversas terminologias, diversas acentuações. Mas o testemunho fundamental é sempre o mesmo: A intenção de manter a continuidade com o Jesus da história, proclamando, simultaneamente, a incidência salvífica de seu caminho de humilhação e exaltação, de "kenose" e "glória", de imolação e triunfo, para concluir a sua singular relevância escatológica e a sua transcendência ontológica. O "messias" que devia vir, é Jesus; o "filho do homem" que deverá voltar, é Jesus; o "salvador" do mundo e "senhor" da comunidade, é Jesus; o "Filho unigênito" do Pai e sua "palavra" definitiva,

(26) S. GIET, *L'Apocalypse et l'Histoire* (Paris 1957); T. HOLTZ, *Die Christo-*

logie der Apokalypse des Johannes (Berlin 1962).

é Jesus. Jesus, pois, em cada momento, atualiza salvificamente o passado, antecipa

prolepticamente o futuro e recapitula a história toda da salvação (27).

(27) A unidade fundamental do pluriforme testemunho cristológico do Novo Testamento recebe um consistente apoio na constatação da identidade de tal testemunho, mesmo considerando o período cronológico neotestamentário. Com efeito, já nas mais arcaicas cristologias (cf. Flp 2, 6ss) encontram-se afirmações fortemente indicativas da relevância escatológica e ontológica de Jesus. Considerando que a cristologia paulina pretende estar em comunhão com a visão pré-paulina do mistério salvífico do Cristo (cf. I Cor 15, 3ss), dificilmente poderá pensar-se em qualquer tipo de

ruptura na cristologia neotestamentária. A doutrina fundamental, sob diversas linguagens, é sempre a mesma. Alguns dos títulos cristológicos mais significativos, como **Kyrios** ou **Hyios**, são dos mais arcaicos. Certamente, alguns títulos desaparecem (como "Filho do homem", "servo do Senhor", "profeta"); mas a realidade afirmada neles, continua a ser proclamada com nova intensidade. Por isso, uma análise do Novo Testamento não autoriza a tese de uma ruptura cristológica no cristianismo primitivo, nem a de uma evolução substancial na compreensão eclesial do mistério do Cristo.